

Violência, futebol e juventude: o caso das Vilas Olímpicas do Acari e do Alemão

Rodrigo Monteiro. Sociólogo, pós-doutorando Faperj/Nupevi/IMS/UERJ.

Esse artigo pretende analisar como as mais variadas práticas esportivas - futebol, basquete, *tae kwon do*, natação, vôlei e outras, realizadas por jovens pobres, em algumas localidades do subúrbio carioca - têm se estabelecido dentro de territórios marcados pela intensa e vasta experiência de violência - seja em função do conflito armado entre traficantes, por confrontos entre bandidos e policiais, ou brigas de galeras funks, ou de torcidas organizadas.

Some-se a isso o fato de que a experiência cotidiana dos moradores dessas regiões tem sido, constante e profundamente marcada, pela relação com a dor da perda de amigos, parentes, vizinhos. Registre-se ainda que se trata de pessoas vivendo em áreas degradadas econômica e socialmente, como nos mostram as duas pesquisas de vitimização realizadas pelo NUPEVI (Núcleo de Pesquisa das Violências) e que exploraremos em capítulos à diante.

O esporte é, muitas vezes, apresentado como solução para a prevenção à violência em comunidades carentes e para jovens em situações de risco, vulneráveis ao canto e encanto de armas, carros, dinheiro fácil e rápido, que oculta um lado menos sedutor: a morte, as perdas de amigos, vizinhos e parentes, ou as sequelas deixadas para o resto de suas vidas. Mas será o esporte capaz de 'salvar' e apresentar aos jovens pobres novas perspectivas, novos projetos de vida, bem como ampliar os campos de possibilidades na Área de Planejamento 3 (AP 3) - região da cidade mais marcada pela presença do tráfico de drogas, pelo barulho de tiros e altas taxas de crimes violentos, em especial o homicídio?

A imprevisibilidade, o inesperado, o acaso são componentes essenciais do futebol que merecem destaque. Dos poucos esportes onde o resultado final pode ser definido por conta de um acidente no campo, um "montinho artilheiro", onde a lama e a chuva fazem parte do jogo, onde não há a necessidade de uma quadra urbanizada e sem poças d'água, mas todos estes elementos estão interagindo

0148 - Rodrigo de Araujo Monteiro

com o jogador e com os espectadores por mais profissionalizado, preparado e treinado que esse seja.

Ou seja, por mais “teatralizado” que o futebol possa se apresentar em jogadas ensaiadas (elas nunca são ensaiadas com o adversário), o imponderável pode fazer parte da jogada e surpreender a todos em uma partida. São esses fatos que conferem magia, emoção e encantamento a este esporte em toda a parte do globo terrestre, o que o antropólogo Clifford Geertz chamou de jogo denso.

Como lugar do imponderado, do incomensurável, da incerteza, do imprevisível, da disciplina, do auto-controle, das regras universais, do acaso e da valorização da equipe, ele é capaz de renovar esperanças no sentido de que qualquer equipe pode ganhar uma partida: tanto as mais ricas e de maior investimento quanto as menos ricas e de menor investimento.

Pelo futebol, descobre-se que não é necessário destruir fisicamente o adversário para ser vencedor de uma partida, um torneio ou um campeonato. Ao contrário, destruí-lo pode implicar em sanções, punições, constrangimentos legais estabelecidos por normas universais que valem para ambos os times e seus participantes.

Nessa perspectiva, entende Norbert Elias que o futebol cumpre papel no processo civilizatório, pacificando os costumes e levando as rivalidades construídas pelos mais diversos grupos sociais para um campo de grama retangular com duas metades iguais e no qual são necessárias regras válidas para ambos os lados e que servem para que os jogadores que estão em representações opostas não se matem, se destruam ou sejam beligerantes, mas ao contrário, exerçam a hombridade, ou o orgulho masculino, de maneira controlada, limitada e regulada.

Outra dimensão do futebol é o fato de ser multi-geracional tanto para profissionais, quanto para amadores e para espectadores. Basta lembrar que os pais introduzem os filhos no futebol e ao mesmo tempo os pais podem praticar futebol com seus amigos em jogos de “pelada”, assim como seus filhos em praças públicas, escolinhas profissionalizantes, vilas olímpicas, escolas oficiais e clubes.

0148 - Rodrigo de Araujo Monteiro

Somado a isso, há a dimensão espetaculosa, pela presença e criação de grandes fenômenos, ícones e ídolos, onde o futebol passou a ser visto como saída da pobreza para boa parte da juventude que perdeu as perspectivas de empregos no mercado formal, pois esse passou a ter pouca capacidade de absorver essa mão-de-obra mal formada e educada e, além disso, quando absorve, acaba resultando em salários e representações muito distantes dos sonhados pelos pretendentes a jogadores de futebol.

Entretanto, os jovens sonhadores não percebem que a grande maioria de futebolistas oscila entre salários muito baixos e sem garantias trabalhistas, ficando até meses sem receber de seus respectivos clubes, muitos devedores do INSS. Também não visualizam o fato de que a carreira de futebolista apresenta demasiadas inconstâncias e é efêmera: a fama positiva pode se desfazer em rápido tempo, a carreira é, em geral, curta¹, e pode nem ter começo, além disso, quando encerrada a carreira, o ostracismo é uma real possibilidade e aí todo o mundo mágico (carros, mulheres, consumo exagerado, fama, ostentação) encontrado na carreira pode se “desmanchar no ar”.

O esporte é, muitas vezes, apresentado como solução para a prevenção à violência em comunidades carentes e para jovens em situações de risco, vulneráveis ao canto e encanto de armas, carros, dinheiro fácil e rápido, que oculta um lado menos sedutor: a morte, as perdas de amigos, vizinhos e parentes, ou as sequelas deixadas para o resto de suas vidas. Mas será o esporte capaz de ‘salvar’ e apresentar aos jovens pobres novas perspectivas, novos projetos de vida, bem como ampliar os campos de possibilidades na Área de Planejamento 3 (AP 3) - região da cidade mais marcada pela presença do tráfico de drogas, pelo barulho de tiros e altas taxas de crimes violentos, em especial o homicídio?

Trabalho de Campo

A Vila Olímpica Municipal Clara Nunes (Acari)

O objetivo da pesquisa de campo foi entender como um projeto sócio-esportivo, instalado em uma das regiões mais carentes e mais marcadas pela

¹ Vale lembrar que a carreira do traficante também é curta, mas ao contrário do futebolista, o fim da carreira do traficante significa o fim da própria vida.

0148 - Rodrigo de Araujo Monteiro

violência na cidade do Rio de Janeiro porque mais reprimida pela Polícia Militar – a Área de Planejamento 3 (AP 3) – pode ajudar a prevenir a violência sofrida e cometida por adolescentes.

Situada na Fazenda Botafogo, bairro popular formado por conjuntos habitacionais construídos nos anos 1970 que receberam moradores removidos de favelas localizadas nas áreas mais prósperas e centrais da cidade, caracterizado também por ser um distrito industrial que sofre as consequências das transformações no mundo do trabalho ocorridas ao longo das últimas décadas, esta Vila Olímpica de 7.000 m², uma das oito já construídas pela Prefeitura, é mais conhecida como Vila Olímpica de Acari.

A Vila Olímpica atende alunos de vários bairros próximos, mas a maior parte dos alunos são oriundos da Pavuna, Acari, Coelho Neto e Barros Filho, embora tenha encontrado pais e alunos provenientes de Honório Gurgel e Rocha Miranda, por exemplo, bairros menos próximos.

Oficialmente a Vila Olímpica, totalmente financiada pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, funciona de terça a domingo, oferecendo 11 atividades esportivas (atletismo, basquete, capoeira, futebol 'society', futsal, handball, hidroginástica, judô, natação, *tae kwon do* e vôlei) e outras artísticas, culturais e educativas (*aerodefense*, coral, dança/jazz, dança de salão, artesanato, música/percussão e aulas de inglês). Todas são gratuitas. Para essas atividades, foram contratados 21 professores e número igual de funcionários, além de estagiários, pessoal de limpeza e de segurança.

Segundo o coordenador da Vila Olímpica, que está há mais de dois anos no cargo, seriam atendidos ali 6.000 alunos/ano (desses, 2000 teriam até 18 anos de idade), entre recém-nascidos, crianças, jovens, adultos e idosos. Não há limite de idade para o ingresso, e no caso de crianças e adolescentes, a exigência da comprovação de matrícula em uma escola pública ou privada. Exige-se para todas as idades, a apresentação de um atestado médico comprovando estar em boas condições para as práticas esportivas. Esse exame não é oferecido na Vila e deve ser feito na rede pública ou privada de saúde.

Grande parte desses alunos são oriundos das classes populares, e há um vácuo de alunos na faixa-etária que vai, basicamente, dos 18 aos 30 anos de idade. O próprio coordenador é quem reconhece:

“É a fase em que o morador da comunidade está montando a sua família. Eu vi muito isso no Pro Jovem, ano passado eu participei desse projeto. Eu vi muito que os jovens de 18 a 24 anos todos eles tinham 3, 4 filhos. 90%. Com sua família montada, com tudo, uns trabalhavam, outros não, e não tinham o 2º grau. Tem muita gente nessa parte de 2º grau. Acho até que mais cedo, de 16 a 24 anos. E, conseqüentemente, a gente perde muito essa faixa etária. E também o homem adulto ele não freqüenta as atividades, de repente por estar trabalhando. A gente sente muito essa ausência.”

Ao lado da Vila está um CIEP (Centro Integrado de Educação Pública) que funciona em tempo integral e atende a alunos de Primeira a Quarta série do ensino fundamental. A quadra coberta que serve à VOMCN era inicialmente pertencente a esse CIEP, mas foi cedida à Vila que, em troca, se comprometeu a ceder o espaço e oferecer aulas aos alunos dessa escola. No decorrer do dia, os alunos saem das suas aulas e são levados à quadra, onde praticam atividades físicas, recreativas e esportivas em separado dos alunos da VOMCN.

Um dos discursos mais recorrentes dos profissionais da VOMCN é o de que esta não é escolinha de futebol, clube e nem tão pouco academia de musculação. Os profissionais dizem-se e sentem-se inseridos em um projeto social e esportivo com características peculiares: possuem um equipamento privilegiado em relação a outros projetos, também gozam de um espaço físico próprio, não os obrigando a ficar ao relento nas ruas e nas praças dos bairros, sob a chuva ou sob o sol ardente. Têm espaço demarcado, bem conservado, construído há apenas seis anos, com várias áreas cobertas e com constante manutenção de material, como

0148 - Rodrigo de Araujo Monteiro

pude observar durante a pesquisa etnográfica.

O certo é que, entre as funções da VOMCN, estão tanto a formação de atletas quanto a formação de cidadãos. Trabalhar as possíveis tensões que essa peculiar dupla identidade cria para um espaço localizado em torno de cinco comunidades carentes e violentas da cidade do Rio de Janeiro é tarefa que requer intenso, constante e redobrado cuidado. Até porque o esporte é o sonho de muitos alunos e familiares para a saída da pobreza, sonho alimentado pelas trajetórias de sucesso de profissionais do esporte, principalmente jogadores de futebol, de basquete e de vôlei.

A saída encontrada para dilemas tão amplamente discutidos pela academia em seus mais diversos representantes, tanto da Educação Física quanto das Ciências Sociais: socializar ou profissionalizar?

A saída foi a de trabalhar na dupla perspectiva, mas com cada aluno de acordo com as suas (in)habilidades, tratando diferentemente os diferentes, sem que isso signifique exclusão. Na VOMCN não se faz o chamado 'corte', ou seja: a seleção de jovens e adolescentes para o acesso a clubes de futebol, escolinhas ou centros de treinamento com jovens oriundos de várias regiões do país para serem profissionalizados.

Assim, a idéia transmitida pelos profissionais de que para vencer no esporte é preciso treino, perseverança, afinho e respeito às normas, ajuda esses jovens a perceber que as 'verdadeiras e duradouras conquistas' da vida não se dão repentina nem facilmente, mas são resultados de esforços e conquistas. Mais uma vez o futebol lhes serve como metáfora: "para vencer na vida ou no esporte é necessário cumprir certas regras, estar preparado e treinar, lutar perseverantemente para alcançar seus objetivos" (Zaluar, 1994). Ser um vitorioso no esporte não significa, no discurso dos professores, profissionalizar-se nele, mas em sua eficácia simbólica os ajuda a preparar esses jovens para a vida adulta: saber perder, saber competir dentro de regras iguais para todos, conduzir-se na vida com disciplina e respeito ao outro (ibidem). Em oposição a esta formação estão os valores do desrespeito a regras, do vencer a qualquer custo e em menor

tempo, do desrespeito ao outro, encarando-o como inimigo e não como adversário.

Pertencer à Vila como aluno regular, praticante das mais variadas atividades faz com que uma parcela dos alunos, sobretudo a dos mais pobres, se sinta prestigiada nas suas vizinhanças ou junto a parentes, amigos e colegas de escola. Isso porque a Vila confere a ele um status de desportista, atleta ou alguém que tem suas habilidades motoras valorizadas em um espaço profissionalmente dedicado ao esporte e à socialização. Pertencer às equipes da Vila o diferencia dos demais amigos e colegas não frequentadores, pois, nesse momento, a imagem da Vila é a de excelência, socialização e profissionalização. Junto a familiares, o pertencimento atrai atenções, curiosidades e expectativas. Além disso, podemos afirmar que em nossa sociedade aqueles que praticam atividades físicas são valorizados socialmente.

Por fim, mas não menos importante, é a revelação de alguns alunos sobre a reação de conhecidos deles ligados ao tráfico de drogas à sua adesão ao esporte e frequência na Vila Olímpica.

Os traficantes teriam passado a hostilizá-los com acusações de que diminuía sua masculinidade, dizendo que Vila Olímpica “não era coisa de homem”. Para esses jovens traficantes, com outra formação subjetiva, ser homem é “segurar em armas”, “ter disposição para matar” e ganhar respeito com o uso delas. Em novo registro, na formação subjetiva que os prepara para enfrentar as armadilhas e seduições do crime organizado, os alunos constroem outra representação da masculinidade: ser homem não é usar armas de fogo, mas ser vencedor nos esportes, aprender a se dedicar, respeitar regras e outras pessoas, embora não estejam livres das seduições de vencer a qualquer custo.

São duas concepções de masculinidade que passam a fazer parte do contexto social em que crescem os jovens pobres nas áreas mais violentas da cidade. Uma se afirma pela imposição de armas, destruição da vida do “inimigo” da quadrilha rival, exibição de poder para impor suas vontades perante moradores e seduzir mulheres (Zaluar, 2004). A outra, não letal, afirma que ser homem é vencer nos esportes, às vezes fora das regras, mas sem precisar ceifar a vida de

0148 - Rodrigo de Araujo Monteiro

seus adversários e rivais que não se tornam inimigos mortais. Ainda assim, a busca de símbolos de poder, também se dá no sonho do esportista de sucesso, com muito dinheiro e fama, e a conseqüente exibição de sonhados bens de consumo, que atrai igualmente as mulheres.

A Vila Olímpica Municipal Carlos Castilho (Alemão)

Cravada no começo da favela da Grotta, parte integrante do Complexo do Alemão no bairro de Ramos, está situada a Vila Olímpica Municipal Carlos Castilho (VOMCC), às margens da Estrada do Itararé, ao lado de uma antiga fábrica de roupas íntimas (*Poes*) implodida em 17 de dezembro de 2008² para construção de novas casas que farão parte do conjunto de obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) em andamento na região, e do outro lado por um depósito da COMLURB. Ao lado da Vila Olímpica também há acesso para a favela da Aurora, de dimensão menor que a Grotta.

A VOMCC está inserida na área da Administração Regional do Complexo do Alemão (XXIX RA) que engloba 12 favelas³ e o Complexo atravessa bairros como Ramos, Olaria, Penha, Bonsucesso e Inhaúma. Segundo o Censo de 2000⁴, existem 65.000 moradores nesta RA.

O que pode levar um jovem a buscar a prática de um esporte na VOMCC? Diversas respostas se aplicam a essa pergunta. Uma verdadeira multiplicidade de fatores faz com que crianças e adolescentes participem desse empreendimento esportivo. Bem como são diversos os motivos que concorrem para a desistência.

Tal qual na VOMCN, alunos mais novos, e ainda que inicialmente levados pelos pais, podem ser inscritos por recomendação médica. Nesse caso, a principal procura é a natação.

² Cf. <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2008/12/17/estrada-do-itarare-sera-interditada-para-implosao-de-antiga-fabrica-587329155.asp>. Acesso em 29 de dezembro de 2008.

³ Morro da Baiana, Morro do Alemão, Alvorada, Matinha, Morro dos Mineiros, Nova Brasília, Pedra do Sapo, Palmeiras, Fazendinha, Grotta, Vila Cruzeiro, Morro do Adeus.

⁴ Fonte: Instituto Pereira Passos. Cf. http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/491_populacao%20residente,%20por%20idade%20e%20por%20grupos%20de%20idade.XLS. Acessado em 09 de março de 2009.

0148 - Rodrigo de Araujo Monteiro

Jaqueline, negra, 30 anos, no segundo casamento, dona de casa, no segundo casamento, moradora da Grotta, com ensino médio incompleto, é mãe de dois filhos, de pais diferentes. O mais velho, com oito anos de idade, está na escolha municipal e o mais novo, de cinco anos, ainda está nas classes iniciais de uma escola privada local. Seu atual marido é classificado por ela como “moreninho”, ele trabalha como auxiliar de pedreiro, sem registro em carteira, e recebe em média dois salários mínimos por mês quando está em alguma obra e tem baixa instrução, os pais do marido também são negros com baixa instrução (embora ela não saiba precisar quantos anos de estudo). Em sua casa, só ela frequenta a VOMCC, onde além de assistir às aulas do filho mais velho, conheceu outras mães, moradoras de outras comunidades do Complexo do Alemão e também da comunidade em que vive. Ela nos explica porque razão colocou seu filho nas aulas de natação às quartas e sextas-feiras.

“Meu filho tinha muitos problemas nos pulmões. Toda hora tinha que correr com ele pro pronto socorro. Era bronquite, asma, pneumonia, aí um médico falou que ele tinha que fazer natação pra ajudar ele. Aí uma vizinha me falou daqui da Vila e que era de graça, aí eu coloquei ele aqui. O médico lá do posto falou que esse era o esporte mais completo. Comentei com uma vizinha e ela me falou disso aqui.”

Embora não tenha dados mais concretos e parâmetros mais seguros para afirmar o avanço do filho mais velho, essa percepção é comumente atribuída às práticas esportivas. A saúde, sua prevenção, remediação ou mesmo conservação, é causa de acesso e adesão à Vila Olímpica.

Ao levar o filho para as aulas, ela passa a conhecer outras mães de diferentes comunidades do Complexo do Alemão. Nas conversas paralelas às aulas de natação dos filhos, relatos de troca de tiros, mortes de traficantes ou usuários de drogas com dívidas, ações brutas da polícia militar pelo “caveirão” são

0148 - Rodrigo de Araujo Monteiro

comuns. Mas para além das histórias tristes, as mães também tratam de assuntos de suas igrejas, do dia a dia dos maridos, namorados ou amantes e fazem muitas reclamações das escolas onde seus filhos estão matriculados. Tida sempre como um local inóspito, de baixa qualidade de ensino e de condições precárias, a escola é encarada pelas mães em suas conversas com a expressão: “é ruim, mas é pior sem”. Nessas conversas, informações sobre qual a melhor escola, o melhor posto de saúde, o que faz cada associação de moradores e seus representantes servem para compor o quadro de percepção sobre a comunidade, em resumo, a VOMCC possibilita que elas reforcem seus laços sociais.

Entre as razões para a adesão à VOMCC, uma é a profissionalização. Uma entre outras, pois não podemos dizer que ela seja a única e nem a principal, e para fazermos qualquer afirmação séria nesse sentido, far-se-ia necessário um *survey* com alunos e seus pais. Mas durante o trabalho etnográfico, encontramos alunos cujo objetivo é, sim, a profissionalização.

Os dramas e histórias tristes não são relatados apenas por alunos e seus pais, que também acabam levando e pressionando os filhos para a profissionalização. Professores também se colocam dentro desse corolário. Entre esses, está Roberto, negro, 38 anos, morador do Complexo do Alemão desde que nasceu, formado em Educação Física pela UNISUAM, filho de dois capixabas que vieram cedo para o Rio de Janeiro, tendo seu pai sido taxista e sua mãe dona de casa. Passou por quatro casamentos, e diz ter sido rebelde quando mais jovem. Pai de três filhos: duas meninas e um menino.

Não diferente dos alunos, também disse ter perdido vários amigos para o tráfico de drogas e se diz surpreso, apesar do longo tempo de moradia no Complexo, com a onda do *crack* que invade a sua comunidade e outras. Ele mesmo diz que no Jacaré, em determinado ponto, algumas meninas “fazem de tudo” para conseguir comprar essa droga.

Os laços de vizinhança lhe serviram de base para uma descoberta que, pelo seus comentários, parece ser bombástica em sua vida: a entrada do próprio filho do primeiro casamento para o tráfico de drogas. Apesar das diversas

0148 - Rodrigo de Araujo Monteiro

tentativas, como inserir o filho em um pequeno chaveiro que ele mesmo possuía em uma rua da comunidade onde mora, mas teve arrendá-lo pelo fato do filho ter abandonado o trabalho, também diz tê-lo ajudado a procurar outros empregos, e dialogar constantemente junto à mãe, a entrada para o tráfico parece ter sido inevitável. Nem os amigos de seu filho que foram assassinados em função de confrontos com outras quadrilhas de traficantes, ou com policiais, serviram para que seu filho negasse o caminho do tráfico. Diz ainda que não deixa faltar nada ao filho, mas em sua família há outros exemplos parecidos.

Esse relato serve para percebermos o drama pelo qual passam pais, parentes e vizinhos de jovens que se aventuram pelo mundo do tráfico de drogas. Mas, ao mesmo tempo, mostrou solidariedade, reação ao tráfico e a dor por uma possível perda de um filho.

Nesse ponto, temos aqui um exemplo claro de como a eficácia coletiva pode contribuir para a prevenção à violência e a redução da criminalidade (D'Araujo, 2003) Ou seja, o estreitamento de interações sociais e dos laços morais entre vizinhos, a predisposição para atuarem em conjunto na resolução de problemas da comunidade bem como a confiança mútua são elementos vitais no incremento da vida coletiva, cotidiana e no aprimoramento do sentimento de comunidade. São tais fatores que permitiram aos vizinhos acreditar que seria possível comunicar ao pai o ingresso de um dos seus filhos no tráfico de drogas e na criminalidade local. A partir disso é que o pai pôde tomar consciência do ocorrido, chamar seu filho para o diálogo e tentar demovê-lo da idéia. Mesmo demonstrando ceticismo em relação à “salvação” do filho, o pai pôde ser alertado e estabelecer um diálogo, conscientizando o filho sobre os riscos, dramas e preços da empreitada na qual está se inserindo.

Acréscimos do árbitro

Os projetos esportivos e ressocializadores podem, afinal, ajudar a prevenir a violência? Inicialmente, creio que a resposta seja sim. Mas, como o futebol serve de metáfora para vários campos da vida, também servirá como resposta para essa pergunta. Se o esporte for pensado em conjunto com outros “jogadores” - como a

0148 - Rodrigo de Araujo Monteiro

escola, a família, as associações vicinais, a política, a sociedade civil - onde todos atuam como uma equipe, há chances reais (e essa tese tentou mostrar isso) de que ele possa servir como mais um jogador na prevenção à violência. Contudo, se jogar sozinho, como um “fominha⁵” que não toca a bola ou que despreza a equipe, o êxito será sempre limitado, ou mesmo, irrelevante.

Nesse sentido, o jogo terá que ser aberto e precisará contar não apenas com diferentes esferas - família, associações vicinais, escola e etc - mas precisará envolver diferentes “jogadores”. Ou seja, é importante que o diálogo seja estabelecido, e agentes de diferentes esferas de governo - municipal, estadual e federal - dialoguem. Também é preciso que ONGs e sociedade civil façam parte desse mesmo “time”. Pois um fato que não pôde ser constatado durante o trabalho de campo, foi a ausência de diálogo entre os projetos estudados e organizações que atuem nas mesmas áreas e com propostas, objetivando os mesmos fins.

“Virar o jogo” é possível. Para começar, será preciso ver o jovem pobre e vulnerável não como “bom selvagem inocente” e nem tampouco como “lobo do homem”, mas como ser dotado de vontades, de sonhos e de desejos que, nem sempre os mais lícitos, nem sempre os mais lúcidos. Apontar os pontos cegos, as ilusões, as trapaças, os “barcos furados”, especialmente em grupos nos quais os próprios jovens, interagindo entre si, possam entendê-los. Deve ser essa uma prioridade na socialização objetivada pelos projetos e instituições, encarregados de orientar os jovens para a vida em sociedade.

A “virada do jogo” dependerá do quanto os agentes envolvidos em políticas de prevenção à violência estarão dispostos a oferecer como contribuição, em nome do bem comum. A eficácia coletiva deve ser pensada como necessária não apenas para as comunidades, mas como fundamental para mobilizar tanto gestores e membros de projetos, quanto associações vicinais, sociedade civil e universidades.

⁵ Fominha é expressão corrente no futebol para designar o jogador egoísta que prefere perder a jogada a tocar a bola a um membro da própria equipe.

0148 - Rodrigo de Araujo Monteiro

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. **“Comunidade”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____, **“Trabajo, consumismo y nuevos pobres”**. Barcelona, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **“Como é possível ser esportivo? Questões de sociologia”**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

BURKITT, IAN. **Social Selves**. Theories of Self and Society. London, Sage, 2008.

DAMATTA, Roberto. **“Carnavais, Malandros e Heróis”**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMO, Arlei Sander. **“Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França”**. Tese de doutorado, UFRGS, 2005.

D'ARAUJO, Maria Celina (2003), **Capital Social**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

GASTALDO, Edison. **“O complô da torcida: futebol e performance masculina em bares”**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre: v. 11, n. 24, 2005.

GIDDENS, Anthony. **“A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas”**, São Paulo, Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIULLIANOTTI, Richard & Robertson, Roland (org). **Globalization and Sport**. Oxford, Blackwell Publishing, 2007.

GUEDES, Simoni Lahud. **“Subúrbio: celeiro de craques”**. In: DaMatta, Roberto (org) **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

MONTEIRO, Rodrigo. **“Torcer, Lutar, Ao Inimigo Massacrar: Raça Rubro Negra.”** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

MURAD, Maurício. **“A violência e o futebol”**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

0148 - Rodrigo de Araujo Monteiro

SCHWARTZMAN, Simon e COSSÍO, Maurício. **“Juventude, educação e emprego no Brasil”**. Disponível

em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/2007juventude.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2007.

_____, **“As Causas da Pobreza”**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SENNETT, Richard. **“Respeito. A Formação do Caráter em um mundo desigual”**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ZALUAR, Alba. **“O Esporte na Educação e na Política Pública”**. In **Educação & Sociedade, Ano XII, abril de 1991, número 38. pp.19-44.**

_____. **“Cidadãos não vão ao paraíso”**. Campinas: Editora da UNICAMP e Escuta, 1996.